DOI: 10.12957/palimpsesto.2018.35275

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS ENTRE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E ESTUDOS LITERÁRIOS: ENTREVISTA COM BETH BRAIT

Entrevistada por:
Everaldo Lima de Araújo (Doutorando em Letras – Língua Portuguesa – pela UERJ)
Jefferson Evaristo do Nascimento Silva (Doutorando em Letras – Língua Portuguesa – pela UERJ; e em Letras Neolatinas – Língua Italiana – pela UFRJ)
Jordana Lenhardt (Doutoranda em Letras – Linguística – pela UERJ)

Elisabeth Brait é crítica, ensaísta, professora associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora associada aposentada da Universidade de São Paulo (USP). Fez Graduação em Letras, doutorado em Linguística, Livre-Docência em Linguística na USP e pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris/França. É pesquisadora nível 1 do CNPq; Assessora da CAPES, do CNPq e da FAPESP; líder do GP/CNPq/PUC-SP Linguagem, Identidade e Memória; criadora e editora do periódico Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso (QUALIS A1/SCIELO/Apoio CNPq e PUC-SP).

PALIMPSESTO

1) Como a senhora vê a intersecção de estudos que aproximam Linguística e Literatura?

BETH BRAIT

Sou, como vocês sabem, formada em Letras pela USP, com doutorado e livre docência em Linguística, pela mesma Universidade. Minha formação foi excelente, tanto no que se refere aos estudos linguísticos quanto aos literários. Meus professores, a quem sou profundamente grata e a quem devo a ampliação da minha visão de mundo no que se refere à relação linguagem-vida, eram, em sua maioria absoluta, muito especializados em determinadas áreas, mas tanto os de literatura conheciam e exploravam a língua em suas análises de textos, como os de língua conheciam e mobilizavam a literatura em seus consistentes ensinamentos sobre a materialidade linguística que constitue os textos literários. Como escolhi Letras porque gostava de linguagens (verbal, visual, verbo-visual), a graduação, em que os professores de teoria literária me ensinaram a analisar as estruturas fônicas, rítmicas, sintáticas e semânticas dos versos, por exemplo, e os de linguística comparavam estruturas verbais com sequências musicais, pictóricas ou cinematográficas, essa perspectiva, ao mesmo tempo ampla e profunda, foi tão decisiva na minha vida acadêmica e profissional (na verdade na minha vida!) que tive muitas dúvidas se iria me especializar em estudos linguísticos ou literários. Obrigatoriamente, nós das *letras*, nos especializamos, por vocação, por gosto, por identidade maior ou menor, em um determinado ramo do conhecimento, constitutivo dos estudos da linguagem. Não há como fugir disso: são preferências e capacidades pessoais associadas a

necessidades sociais, culturais, acadêmicas, institucionais. No meu caso, penso que achei uma terceira margem, ou seja, os estudos do discurso que, sem problemas, acolhem o artístico e o não artístico, assumindo como *texto* tanto a expressão oral e escrita, constituída pela materialidade verbal, quanto nas demais materialidades: visual e/ou verbo-visual. E, justamente por essa razão, os textos permitem compreender, pelos discursos neles mobilizados, os sujeitos aí envolvidos, os valores em tensão, as sociedade e culturas que os constituem e são por eles constituídas e reveladas. Nesse processo, diferentes ramos da linguística e de outras ciências humanas são invocadas para a análise que procura dar conta da produção de sentidos. Isso se revela, por exemplo, em minhas duas teses - de doutorado e de livre docência -, nas quais a intersecção a que vocês se referem na pergunta está concretizada. Nos dois trabalhos, o objeto de estudo, ou mais precisamente, grande parte do *corpus* se constitui a partir de obras literárias: *A festa*, de Ivan Ângelo, no doutorado, e *Madame Pommery*, de Hilário Tácito [José Maria de Toledo Malta] na livre-docência. Essa última resultou no livro *Ironia em perspectiva polifônica*. Se esses foram os objetos escolhidos, as questões perseguidas envolviam, necessariamente, uma perspectiva discursiva. Ou seja, um trabalho com a linguagem que, voltado para as especificidades do plano de expressão dos objetos discursivos escolhidos (verbal, visual e/ou verbo-visual), implica sujeitos situados, social, histórica e culturalmente, e a maneira como se posicionam no mundo, diante dele, constituindo e interferindo no universo que os envolve.

Se as conquistas das várias tendências atuais das análises do discurso são inegáveis, é preciso reconhecer que *discurso* não é mais um nível da *língua*, da *linguagem* (como já explicou brilhantemente Émile Benveniste, para citar apenas um pioneiro nos estudos linguístico-enunciativos), mas uma instância que envolve as especificidades delas, de

sujeitos situados, em situação de comunicação, expressão, produção e recepção de sentidos. Assim sendo, fazer análise do discurso (ou ensinar gêneros e textos, por exemplo) não pode prescindir das conquistas de áreas que se entrecruzam: língua, literatura, linguística, teoria literária, de acordo com as exigências do *objeto textual* escolhido.

PALIMPSESTO

2) A organização curricular de nossos cursos contempla tal aproximação? Por quê? Nesse sentido, que alternativas os graduandos possuem?

BETH BRAIT

Penso que, em função de uma série de circunstâncias e coerções próprias do nosso tempo, tanto no sentido positivo (estágio atual dos estudos da linguagem, por exemplo) como negativo (especialização em detrimento de uma visão mais ampla, *universitária*), a organização curricular, mesmo as aprovadas recentemente e que vamos experimentar a partir de agora, tende a reforçar a separação entre estudos linguísticos e literários. Não estou falando somente das reservas de mercado, das delimitações institucionais, do "cada um no seu quadrado". Mas da consequência para a formação do professor que irá atuar nos demais níveis do ensino, tendo como exigência atuar "interdisciplinarmente", aí incluídas as diretrizes curriculares e os materiais didáticos. As graduações, fortemente divididas, declaradamente separatistas, obedecem, por um lado, à ideia da necessária escolha e especialização de cada graduando. E isso não poderia ser diferente. Entretanto, em função dessas especializações, as divisões vão acontecer já na graduação e, ainda,

dentro dos estudos linguísticos e no interior dos estudos literários. Vou dar exemplos extremos, mas que encontramos no dia-a-dia das graduações e nos debates a respeito de como ela deve/deveria ser. No caso dos estudos linguísticos existe uma nítida separação entre os estudos conhecidos como *hard* (Fonética/Fonologia, Morfologia, Morfossintaxe, Lexicografia e Lexicologia, etc.) e os que se ocupam do texto e do discurso. Mas também na literatura isso acontece, especialmente se nos voltarmos para a barreira que se estabelece entre os que se ocupam do ensino da língua (materna ou estrangeira) e os que se ocupam dos estudos literários em qualquer língua. Evidentemente que há exceções: mas são exceções. Por a mão nessa ferida, sei que é mexer com um grande e constante debate. Mas é preciso dizer com todas as letras (com o perdão do trocadilho): a maioria dos que pertencem a um grupo olham os demais como se viessem de Marte, como se fossem adversários e não como coadjuvantes no processo de construção do conhecimento. E muitos se espantam com o fato de uma parcela mínima tentar transitar, interdisciplinarmente como querem os documentos oficiais, entre áreas, entre linhas de pesquisa, entre possibilidades de fazer dialogar língua, literatura e outras ciências humanas.

É muito importante reconhecer que, em qualquer dos seus níveis, a escola necessita do saber construído por fonólogos e foneticista tanto quanto por analistas de textos e discursos, teóricos da literatura, especialistas em línguas, sejam os objetos visados por esses estudos artísticos ou não. E o graduando, antes de especializar em alguma coisa, deve ter um contato não preconceituoso com essas vias fundamentais dos estudos da linguagem para poder atuar, depois, em todos os níveis escolares. Não há, por exemplo, como *alfabetizar* sem mobilizar conquistas da fonética e da fonologia, da sociolinguística, da maravilhosa criatividade verbo-visual da literatura infantil e de seus recentes estudos,

assim como dos estudos teóricos sobre letramento, texto e discurso. Impedir essa articulação, por força de um currículo de Graduação separatista e muitas vezes excludente (que em nome da inclusão de determinados conhecimentos *apaga* outros) é reforçar os índices baixíssimos de capacidade real de ler e de escrever, como mostram as estatísticas. E não adianta culpar o professor ou oferecer cursos de "formação continuada" nos fins de semana que, em geral, reforçam os problemas da graduação. O formado sai da universidade e entra no mundo do ensino *especializado*, tendo incorporado a dissidência entre estudos linguísticos e literários. A meu ver, os problemas estão na filosofia de formação que sustenta os cursos de graduação.

PALIMPSESTO

3) Que alternativas o professor da educação básica tem para aproximar e inter-relacionar Línguas e Literatura?

BETH BRAIT

Penso que, da perspectiva atual dos cursos de graduação em Letras, assim como de suas consequências perversas para o ensino, as alternativas são poucas. O problema é estrutural, é sistêmico. Trata-se de uma fratura artificial entre ramos indissociáveis do conhecimento, acontecidos em uma etapa da formação que deveria se constituir como um leque aberto ao conhecimento. Assim sendo, os professores, no momento em que se deparam com o fato de terem de lidar com língua e literatura, concomitantemente, sem álibi na especialização separatista, ficam à mercê de seus esforços individuais ou, na melhor das hipóteses, dos esforços das escolas em atuam. E isso acontece na medida em

que todos, no momento de atuar no ensino, reconhecem as falhas estruturais das graduações e de seus currículos. Aqui estou me referindo às barreiras intransponíveis estabelecidas entre língua e literatura, presentes nas grandes universidades públicas e também nas privadas. Estou colocando todas, dessa perspectiva, no mesmo impasse.

PALIMPSESTO

4) Como espécies de "guias" para os professores, os documentos oficiais são importantes produções para o cenário educacional. A senhora, por exemplo, possui experiência na elaboração desses documentos. Quais avanços podem ser percebidos neles sobre o tema e que caminhos ainda podem ser trilhados?

BETH BRAIT

Na verdade, não tenho experiência na elaboração de documentos oficiais. Meu contato se limita a discuti-los, por vezes escrevendo sobre eles, avaliando a maneira como alguns conteúdos, assim como a forma de concebê-los de veiculá-los, pode dificultar mais que facilitar a vida do professor. Esse é o caso, a meu ver, da concepção e do ensino de gêneros do discurso. A partir do momento que estudiosos da linguagem disseram que "pensamos por meio de gêneros e não de frases", parece que o professor (assim como o autor de livro didático) é obrigado a "ensinar gêneros". Isso, independentemente das diferentes concepções existentes sobre esse conceito e, mais grave que isso, desperdiçando gêneros com os quais o aluno já chega à escola, os quais fazem parte de sua atuação como sujeito de linguagem. Ou, ainda, sem considerar a historicidade dos gêneros e sua relação/orientação para a realidade, para a cultura, para

a sociedade. A consequência é um ensino que, por mais sofisticado que pareça, não resulta necessariamente em autoria, em capacidade de um sujeito enunciar e enunciar-se em um gênero e por meio dele. Ele acaba repetindo, reproduzindo fórmulas em função de uma dada situação de comunicação escolar a que está submetido, mas não necessariamente vai se apropriar de um conhecimento para mobilizar/produzir adequadamente gêneros em outras situações, na qualidade de autor, de sujeito de fala. Junte-se a isso a separação existente entre ensinar gêneros da perspectiva dos estudos linguísticos e dos estudos literários. Novamente voltamos ao nosso ponto de partida.

Por outro lado, também tenho orientado várias teses e dissertações em que os pesquisadores, em sua maioria professores de diferentes níveis de ensino submetidos a documentos oficiais, encontram na pós-graduação um espaço para analisar e discutir a filosofia, a historicidade, as variações, a viabilidade e consequências dessas diretrizes para o ensino-aprendizagem, assim como para a elaboração de livros didáticos. Nesse sentido, acabo ficando bem próxima dos documentos que, discutidos por seus principais *usuários*, não apenas evidenciam as diferentes vozes em tensão que provocam sua produção, circulação e recepção, mas também permitem compartilhar a visão crítica, analítica, que esses docentes/pesquisadores têm, assim como suas contribuições advindas da realização das propostas oficiais em diferenciadas escolas e salas de aula. Penso que políticas públicas, documentos, materiais didáticos que auxiliem a vida do professor são muito importantes e representam um esforço na direção de uma reflexão maior sobre o papel da linguagem na sociedade e do professor, visando um ensino melhor, produtivo, com resultados reais.

Há, é verdade, vários problemas que estão refratados nos documentos e nas formas que eles vão sendo escritos, reescritos, completados, renegados parcial ou totalmente, e

que dizem respeito, não apenas a questões políticas, econômicas, sociais, culturais que os geram, evidentemente, mas também a disputas teóricas e metodológicas em relação ao ensino-aprendizagem. No nosso caso específico, pensando nos estudos linguísticos e literários, as concepções de linguagem e de seu ensino-aprendizagem envolvem disputas teóricas e metodológicas que precisam ser assumidas e explicitadas. Uma teoria não é melhor ou pior que outra. O problema é como mobilizá-las de fato para o ensino-aprendizagem e não para um experimentalismo que, muitas vezes, leva mais confusão que clareza ao professor.

PALIMPSESTO

5) Provas como o ENEM se propõem a articular diferentes linguagens para uma abordagem mais efetiva dos usos e das manifestações linguísticas. A proposta do ENEM, por exemplo, é um modelo a ser seguido ou ela falha na integração dessas diferentes formas de manifestação da língua?

BETH BRAIT

Não sou muito versada em ENEM, mas penso que os que participam de sua elaboração procuram mobilizar várias linguagens que estão no mundo atual: verbal, visual, verbo-visual, nos mais diferentes suportes e nos mais diferentes campos da atuação humana. Isso significa aproximar esse evento avaliativo da realidade dos que a ele se submetem e que, como em um rito de passagem, procuram comprovar suas possibilidades de adquirir um passaporte para adentrar, fazer parte de outro estágio, outro nível social e escolar. Essa autorização para a passagem se dá pela maneira como os

candidatos revelam (ou não) sua capacidade de leitura, interpretação, avaliação, crítica e interferência nas linguagens que os cercam, envolvem e das quais eles também são sujeitos. Assim, a autoria é cobrada frente a necessidades expressivas, informativas, argumentativas (se é que essas três coisas podem ser separadas) propostas pela prova. Evidentemente, como tenho lido em vários lugares, há muitas críticas a esquemas que se repetem a cada ano, às expectativas em relação aos alunos, à maneira como língua, literatura, artes e demais manifestações de diferentes esferas poderiam ser exploradas, etc. Penso, entretanto, que essa não é a questão essencial, isto é, como a prova é feita e como poderia/deveria ser feita, na medida em que se reconhece que o ENEM é um avanço em relação a outras formas de avaliação. De qualquer maneira, trata-se de uma avaliação, um intervalo para medir os conhecimentos, no sentido amplo, de um indivíduo que está na escola e pretende dar continuidade à sua formação e habilitação para a vida profissional ou não. Por melhor que seja um exame, uma prova, enquanto formulação, o problema é que ele não poderia dar o tom do ensino-aprendizagem que o antecede. E, assim como o vestibular, o ENEM fatalmente acaba dando esse tom. O aluno não apenas se prepara para o ENEM, encarando a preparação como uma das muitas coisas que a escola pode e deve lhe oferecer, mas ele espera que o professor o prepare para esse momento e, em virtude do tempo, se restrinja ao que se exigirá dele nesse futuro próximo. Espera que a escola esteja voltada para esse momento que aprendeu a entender como fundamental na sua vida. Deseja, como muitas vezes seus pais, que, antes de chegar sua vez de prestar o ENEM, ele tenha sido *treinado* para responder ao que o ENEM espera que ele responda. E aí, o mundo da escola gira em torno desse exame: leituras, estudos linguísticos, estudos literários, tudo. Trata-se de uma evidente distorção, não por parte do ENEM enquanto exame, que é feito considerando o que se espera que a

escola, por meio dos documentos oficiais, dos currículos, dos livros didáticos, dos professores e, especialmente, da conexão com as realidades e as linguagens que envolvem o aluno, ofereceu ao longo da vida escolar, formando um sujeito que, em última análise, sabe *ler* e *escrever*, no que essas duas atividades tem de mais amplo numa sociedade com múltiplas e complexas *escritas*. Um sistema perverso, contudo, acaba fazendo do momento da avaliação um centro, não para onde convergem, concretizam-se, atuam conhecimentos construídos, mas uma baliza que, na verdade, impõe limites, dita regras, independentemente das pretensões da prova e de seus idealizadores.

Podia ser diferente? Penso que sim, caso a função utilitária da prova não se transformasse em modelo obrigatório de ensino-aprendizagem.

PALIMPSESTO

6) A sociedade e as nossas vidas são atravessadas, a todo momento, pelas novas mídias, tecnologias e mecanismos de informação – as chamadas TIC's. Essas opções tecnológicas podem contribuir de alguma maneira para a articulação das manifestações linguísticas e/ou literárias? Como?

BETH BRAIT

O fato de eu ter falado na separação institucionalizada entre estudos linguísticos e estudos literários não significa que, algumas escolas, alguns professores, alguns livros didáticos e/ou para didáticos, alguns cursos não se disponham, há anos, a recorrer a vários planos de expressão e diferentes suportes para ensinar linguagens de forma articulada. Como eu disse, tive professores de linguística, de línguas, que passavam filmes

adaptados de romances para ensinar linguagem literária, não literária e cinematográfica. Então, não se trata de alguma coisa que dependa das novas mídias, necessariamente, embora elas ajudem muito. É preciso existir, também nesse universo, uma perspectiva *linguístico-literária*. Até o momento, confesso que não vi nada que articulasse, de maneira inovadora, estudos literários e estudos linguísticos. Já vi excelentes programas literários, comentários de livros, aulas de língua e formação de professores, ensino a distância, mas nada que realmente representasse, por força da tecnologia, uma articulação inovadora. O que acontece é que, um campo se abre para se pensar, por exemplo, produção literária e novas tecnologias; ensino e novas tecnologias. Isso anima muitos estudiosos, tanto de línguas quanto de literaturas, a se voltarem para essas expressões, para novos suportes, para novas formas de interação entre os homens e entre homens/novas tecnologias e visão de mundo. Estudá-las, entendê-las, participar de sua complexidade e de suas contradições significa (re)pensar a própria cultura (cibercultura?), suas diferentes manifestações e o papel do *professor* e dos pesquisadores das ciências humanas nesse universo. Sem dúvida um movimento revolucionário, mas ainda difícil de relacionar com nosso tema de discussão, nesta entrevista, que é a intersecção estudos linguísticos e estudos literários.

PALIMPSESTO

7) Os estudos bakhtinianos – sua formação teórica – favorecem uma aproximação com o texto literário, também, para reflexões linguísticas. Que outras perspectivas teóricas poderiam ser utilizadas visando à quebra da falsa dicotomia entre Língua e Literatura?

DOI: 10.12957/palimpsesto.2018.35275

De fato, minhas pesquisas têm sido pautadas de forma especial, mas não exclusiva, pelos estudos bakhtinianos. Trata-se de uma perspectiva dialógica, que advém do conjunto da obra de vários pensadores, e não unicamente de Mikhail Bakhtin, todos eles com sólida formação filosófica, literária, linguística, o que lhes permitiu transitar pelos estudos linguísticos e literários, além de sugerir o alcance dos trabalhos para outros campos. Os arquivos de Volochínov e Bakhtin, estudados hoje, permitem conhecer as atividades e vida profissional de cada um deles, demonstrando seu trânsito, não apenas teórico, mas no ensino em vários níveis, pelos estudos linguísticos e literários. E essa talvez seja uma das razões, mas efetivamente não a única, que confere à minha carreira, ao meu trabalho, a possibilidade de ocupar um espaço que pode ser definido como fronteira, limiar, um entre-lugar estudos linguísticos/literários.

Essa não é, entretanto, a única perspectiva que permite a intersecção aqui discutida e outras articulações interdisciplinares possíveis. Os estudos sociolinguísticos, a análise da conversação, as semióticas e as diferentes vertentes da análise do texto e do discurso possibilitam, e por vezes obrigam, o olhar a se voltar para as duas dimensões intercaladas. Eu diria que nos grandes estudiosos isso acontece com mais frequência do que se imagina. Em *Literatura e outras linguagens*, uma de minhas obras em que estudo essa articulação por meio de diferentes manifestações culturais, procurei, juntamente com o objetivo de construir cada parte dando conta de diferentes faces do diálogo língua-literatura, abrir espaços para a manifestação de estudiosos de língua e de literatura. Mas não para falar de suas especialidades. Invertendo a mão, quis saber como linguistas se relacionavam com literatura e teóricos da literatura e escritores com a língua. O resultado

é muito interessante e, por vezes emocionante. As escolhas por uma especialidade ou outra não impedem o leitor de conhecer a forte relação intelectual e afetiva que o conjunto dos depoimentos manifesta. Para ficar apenas em um nome, a quem rendo minha homenagem neste momento, recorto um trecho das palavras da querida e brilhante Ingedore Villaça Koch, que nos deixou no dia 15 de maio passado, às quais estão registradas em *Literatura e outras linguagens* (p. 160-165) e se intitulam "Eu e a literatura":

> Minha relação com a literatura começou bem cedo. Aos 10 anos de idade, quando frequentava a quarta série do ensino fundamental no Grupo Escolar Rodrigues Alves, na Avenida Paulista em São Paulo, e o diretor da escola resolveu criar uma biblioteca para a meninada e convidou-me para ser a bibliotecária. [...]
> Mas esse caso de amor era até mais antigo.
> [...]
> Alguns anos depois, já madura, pude fazer a Graduação em Letras.
> Obtida a licenciatura em Letras, uma dúvida: fazer o mestrado em Letras (clássicas ou neolatinas) ou em Linguística [...] Cursos de Mestrado da PUC-SP: Linguística e Língua Portuguesa. Novo dilema: qual deles? Acabei optando por um meio termo: matriculei-me no programa de língua portuguesa e fiz todas as minhas optativas na linguística.
> [...]
> Depois, já no doutorado, vim conhecer a pragmática... E – claro – só podia acabar entrando em contato com a Linguística do Texto, que vinha se desenvolvendo na Alemanha [...] Que maravilha: poder aliar a Linguística, que então tanto me fascinava, com a pesquisa sobre o texto – todo e qualquer tipo de texto, inclusive, é claro, os literários!
> Não era mesmo que Harald Weinrich, um dos pioneiros da Linguística Textual na Alemanha, pregava que não deveria haver separação entre os estudos de língua e os textos literários, visto que, da mesma forma que os primeiros traziam subsídios importantes para melhor compreender os segundos, estes, por sua vez, muito poderiam nos ensinar sobre os primeiros?

DOI: 10.12957/palimpsesto.2018.35275

> Na minha (longa) prática docente, bem como nos livros que tenho escrito, tive sempre por habito recorrer a crônicas, contos, trechos de romances, poemas [...] Assim, a literatura foi para mim uma companheira constante [...] volto, sempre que possível, à minha paixão de infância. [...] Desse modo, vou levando a minha vida de leitora apaixonada.

PALIMPSESTO

8) Em sua opinião, quais perspectivas de pesquisa ainda se colocam como necessárias, importantes ou próximas, para esse tema, no cenário brasileiro?

BETH BRAIT

Penso que as palavras da grande professora e pesquisadora Ingedore Villaça Koch, sua atuação original e desbravadora nos estudos linguísticos, assim como sua confessada paixão pela literatura, descoberta muito cedo e que durou a vida toda, sugerem que precisamos de uma educação, desde os primeiros anos escolares, que proporcione a todos o direito de conviver, *junto e misturado*, com linguagens, línguas, literaturas, artes em geral, das mais diferentes origens e estirpes. O resto vem com a vida. E se acaso a escolha profissional recair nas Letras, certamente a especialização será uma necessidade não excludente, não preconceituosa.